



HADEWIJCH DE AMBERES: A MÍSTICA MEDIEVAL E SUAS VISÕES SOBRE O DIVINO

Carlos Eduardo Nicolette¹

Rodrigo Pinto dos Santos²

Victor Pereira Guimarães³

RESUMO

A mística, quando praticada por mulheres, foi categorizada pela historiografia clássica como uma linguagem alegórica. Recentemente, entretanto, pesquisadores começaram a enxergá-la como uma reformulação teológica da divindade. A pensadora e teóloga medieval Hadewijch de Amberes se destacou, dentre várias razões, por escrever acerca de suas visões sobre o divino em língua vernácula e demonstrar certa independência da Igreja oficial. Para compreendermos as visões de Hadewijch é necessário atentar-se, em primeiro lugar, ao quadro histórico-social em que a beguina viveu. Desta forma, o presente artigo tem o objetivo de apresentar, com base nas visões de Hadewijch de Amberes, também chamada de Hadewijch de Antuérpia,

¹ Graduando em História pela FFLCH-USP. É integrante do Centro de Estudos de Demografia História da América Latina (CEDHAL). E-mail: carlos.nicolette@usp.br.

² Mestre em Controladoria e Contabilidade pela FEA-USP, bacharel em Ciências Econômicas pela PUC-SP e graduando em História pela FFLCH-USP. E-mail: rodrigops.@usp.br

³ Graduando em História pela FFLCH-USP. E-mail: victor.guimaraes@usp.br.

o movimento beguinal e o amor e sua plenitude com o divino, esboçando as transformações do amor cortês para o amor divino a partir de seus escritos. O segundo objetivo é, então, delinear algumas das transformações que envolvem o amor cortês em amor divino por meio, também, das visões de Hadewijch.

Palavras-Chave: História Medieval; Movimento Beguinal; Hadewijch de Amberes; Mística.

ABSTRACT

Mystic, when practiced by women, was considered by the classic historiography as an allegorical language. Recently, however, researches have begun to notice it as a theological reformulation of divinity. The medieval theologian thinker Hadewijch of Brabant is known, among many reasons, for writing about her visions of the divine in vernacular language and being independent from the official Church. In order to understand Hadewijch's visions, firstly, it is necessary to consider the socio-historical conditions in which the beguine lived. Therefore, this article aims at introducing, based on Hadewijch of Brabant, also known as Hadewijch of Antwerp, the beguinal movement and the love and its fulfilment with the divine, outlining the changes from the courtly love to the divine one in her writings. The second objective is to outline some of the changes involving the courtly love into divine love through Hadewijch's visions.

Keywords: Medieval History; Beguinal Movement; Hadewijch of Brabant; Mystical.

1. Introdução

A história acerca da Europa medieval atrai com olhares desconfiados os historiadores e pesquisadores das ciências humanas no Brasil até hoje. No campo econômico e social, existe uma razoável suspeita e distanciamento em relação ao que se pode chamar de patrimônio europeu imperialista. Por outro lado, nas ciências como a História, Teologia, Antropologia, Filosofia e Ciências da Religião, são invocados constantemente os textos clássicos de autores europeus, sendo que se pode observar uma menor atenção da pesquisa concentrada nos recursos intelectuais e místicos

de seu próprio continente e de outros como África e Ásia (TROCH, 2013, pp. 1-2).

Para Costa (2012), pode-se afirmar que, antes da Modernidade, não é possível registro oficial de mulheres na construção do pensamento erudito. A exemplo, pode-se citar a Filosofia e a Teologia, que foram as duas áreas do conhecimento que mais produziram intelectuais, durante a Idade Média, e na documentação oficial não encontramos a presença de mulheres.

Entretanto, ao se realizar uma pesquisa acerca da construção do pensamento ocidental por via de outras documentações, constatar-se-á que é possível identificar a presença de várias mulheres em variados períodos históricos, seja na Antiguidade Clássica e ou na Alta Idade Média, debatendo temas vigentes, como a própria noção do que é a existência divina. Mas foi na Escolástica que se encontrou um razoável número de escritos de pensadoras responsáveis por um sistema autônomo, distinguindo-se como grandes escritoras, donas de obras tão densas e formidáveis quanto as produzidas por quaisquer homens de seu tempo, com os quais muitas vezes até dialogaram em pé de igualdade (COSTA, 2012, pp. 187-188).

A historiografia clássica se utiliza de uma periodização que compreende a Idade Média como o período que abrange o final do século V e meados do XVI. A historiadora Liev Troch, afirma que os desenvolvimentos dos últimos 40 anos no estudo do período medieval, em

especial o praticado por mulheres, chamam atenção para a definição do termo “Idade Média” “como uma conotação negativa, ao questionar a periodização convencional da história da Europa ocidental” (TROCH, 2013, pp. 2-3)

Ainda segundo a autora, a Idade Média compreende o período de mudança entre

duas manifestações de dominação imperialista patriarcal e colonial. Tal verificação é importante, na medida em que aponta para as linhas imperiais mantidas no traçar da historiografia medieval (TROCH, 2013, p.3).

Descolonizar a Idade Média de tais linhas de pesquisa é tarefa urgente. É principalmente nesse aspecto que um estudo acerca das mulheres místicas pode-nos ser de grande valia para mudanças historiográficas.

Segundo Araújo (2014, p.6), o caminho da mística feminina é marcado pela experiência que se manifesta por meio da linguagem afetiva e “ao mesmo tempo propedêutica”, que leva a uma culminância comum a todas as místicas: a ideia do amor como plenitude.

Para finalizar esta introdução, cabe ressaltar que o presente artigo tem o objetivo de apresentar, com base nas visões⁴ de Hadewijch de Amberes, o movimento beguinal, o amor e sua plenitude com o divino. Também se objetiva esboçar algumas das transformações do

⁴ A visão é um tipo de narrativa, a qual será discutida posteriormente neste artigo.

amor cortês para o amor divino por meio de suas catorze visões.

2. O Movimento Beguinal e Hadewijch

2.1. Um olhar sobre as beguinias

Hadewijch se destaca, dentre outras razões, por escrever em língua vernácula e demonstrar seus pensamentos de maneira independente da Igreja oficial (ARAÚJO, 2014, pp. 6-7). Ela também foi uma poetisa famosa e mística, além de pertencer ao movimento beguinal – sendo caracterizada como uma beguina viajante (TROCH, 2013, p. 7). A partir do século XII, a Europa passou por um período de transformações políticas, sociais e econômicas que também influenciou a religião.

As beguinias fazem parte de um movimento leigo de mulheres, surgidas nesse período, tanto na cidade como no campo. Segundo Troch, elas não viviam em mosteiros, mas individualmente viajavam por diversos locais, assim como viviam em comunidades menores. Até por volta do século XVI na Europa Ocidental, este foi um movimento muito influente no âmbito religioso e intelectual. Existem variadas tipos de documentos espalhados por arquivos em toda a Europa demonstrando que o movimento beguinal atingiu milhares de mulheres entre os séculos XVII e XVI (TROCH, pp. 8-9).

As primeiras beguinias foram, muito possivelmente, mulheres das camadas mais altas da sociedade que não desejavam se casar e nem queriam exercer a vida monástica. Mais tarde na Idade Média ter-se-ia no Movimento Beguinal uma maior pluralidade de camadas sociais entre as mulheres (TROCH, 2013, p. 8-9). Araújo (2014, pp. 7) afirma que elas “combinavam uma vida de oração com o trabalho voluntário a serviço dos pobres, doentes e marginalizados”; apresentavam uma espiritualidade que se pode definir como leiga. Isso quer dizer que compartilhavam de um certo afastamento do pensamento teológico da Igreja, todo formulado por homens e procuravam seguir, em padrões econômicos, uma vida simples.

Essas mulheres, que construíram parte do movimento beguinal, tinham como característica geral um nível cultural e intelectual bastante elevado, dominando a leitura e a escrita, o que possibilitava o conhecimento e aperfeiçoamento da literatura teológica.

Na literatura das beguinias, é possível apresentar três características da escrita feminina: a transgressão, o afeto e o gênero. A primeira por apresentar uma crítica aos costumes – já começar pelo uso da língua vernácula e não latim –, a segunda por utilizar a linguagem afetiva para o amado – que em alguns aspectos alcança o erotismo – e, por fim, “uma possível literatura de gênero, no sentido

de se fazer uma melhor compreensão da alma humana por meio da sensibilidade” (ARAÚJO, 2014, p. 8).

Em relação à biografia de Hadewijch pouco se conhece (SERRADO, 2004). Também chamada de Hadewijch de Antuérpia (1200-1260), é conhecida como grande poetisa e mística do século XIII, pertencia a uma família nobre que pôde lhe proporcionar uma sólida formação cultural. Seus escritos demonstram domínio do holandês, francês e também latim, demonstrando estar familiarizada com os escritos de muitos eruditos de seu tempo e também com a poesia do amor cortês.

A historiografia acredita que ela e outra famosa mística, Margarete Porete, pertenceram ao mesmo movimento beguinal, entretanto, diferentemente de Porete, Hadewijch foi uma beguina viajante que não se fixou em apenas uma beguinaria. São atribuídos a ela 61 poemas, 31 cartas, além das catorze visões – todas em holandês, escolha bastante rara em um período em que o latim era predominante (TROCH, 2013, p. 7-8).

Hadewijch evidencia em seus textos que o amor divino deve ser livre e orgulhoso, o qual cria autonomia e autoconsciência ao sujeito que o sente. Em seus escritos, ela ligou canções religiosas com poesia dos trovadores contemporâneos, usando dessa analogia para se mostrar como noiva e amante de Deus. Descreve, desta forma, uma relação muito pessoal de amor com o divino, o que a leva para

um cenário de liberdade e elevada autoestima (TROCH, 2013, pp. 7-9).

2.2. Quadro histórico medieval: Hadewijch e suas catorze visões

Para compreender as visões de Hadewijch, é preciso se atentar, em primeiro lugar, ao quadro histórico social que esta beguina vivia. Lieve Troch (2003) ajuda neste sentido, mostrando o lado político nas obras de Hadewijch. Ela, inserida no movimento beguinal do século XIII, na tentativa de esclarecer o que é o divino e a partir de suas concepções, criou por meio de suas visões a imagem daquilo que seus seguidores – em grande parte mulheres – acreditavam ser a principal característica do divino, ou seja, seu foco principal foi a paixão *de e por* Cristo o, mas não deixando de demonstrar novas concepções acerca da divindade.

Ainda segundo Troch (2013, p.5), a mística, quando praticada por mulheres, caracterizou-se na crítica ocidental pela linguagem alegórica, se aproximando de uma linguagem poética, ou seja, que procurava demonstrar um método de viver e chegar à espiritualidade. Entretanto, adota-se neste artigo que os escritos dessas mulheres medievais foram além e procuraram construir e reformular o campo teológico na relação com o divino.

Com efeito, o movimento das beguinas pode ser encarado como uma luta contra o forte patriarcalismo da Igreja e é o ponto de virada

para entender sua contextualização, pois uma das únicas formas dessas mulheres se expressarem era por meio de poesias, alegorias e visões como as de Hadewijch. Essa preferência, por obras poéticas, tornou-as conhecidas como místicas. Assim sendo, é de se esperar que tais mulheres utilizassem de sua posição social como estratégia para a sua própria autorrepresentação e autorização no meio social.

As primeiras mulheres desse movimento eram ricas e desejavam mais independência, continua Troch (2003, pp. 7-8) ao afirmar que as “beguinhas foram proprietárias e tinham seus próprios negócios: indústria têxtil, padarias próprias, fábricas e cervejarias”. Reforçando o papel influente dessas mulheres na sociedade, as beguinhas se tornaram também líderes em suas pequenas comunidades, escritoras e teólogas.

O termo mística acaba por abordar essas designações, sendo por muito tempo usado de forma pejorativa pelos escritores contemporâneos; porém, hoje o termo adota outra significação e leva a essas mulheres uma diferenciação de todo o escrito de sua época, fazendo seus textos únicos e importantes documentos para a análise do período medieval.

Cabe lembrar que o papel social de Hadewijch fica aparente quando demonstra, em seus textos, a intenção de que suas obras fossem lidas por todas as suas seguidoras, bem como pelo público em geral. Ela ainda faz um

agradecimento a Jesus Cristo⁵ pelo poder de fazer tais obras influentes no meio eclesiástico, dizendo a autora que

fuera de su voluntad [do Cristo], no encuentro ninguna de mis obras, y no encuentro ninguna de ellas en que falte su voluntad (HADEWIJCH, 2005, p. 120).

Nesta passagem, suas palavras mostram a simples gratidão por poder participar de experiências amorosas com o divino, bem como aponta para uma das formas de como tais experiências são tomadas por ela, ou seja, seus escritos são oportunidades de espalhar a dialética do misticismo cristão adotado pelas beguinarias. Nota-se que Hadewijch elevou a poesia de amor cortês à intensidade da busca da alma pelo divino.

3. As Visões: O Caminho para *Amar*

O conjunto de catorze visões da beguina Hadewijch de Amberes é, como mencionado, o principal objeto de análise deste artigo. Seus escritos são considerados testemunhos da transformação do amor cortês em amor divino, além de grande importância na língua neerlandesa, o que gera dificuldades na tradução aqui trabalhada (ARAÚJO, 2014, p.15). Nos escritos aqui analisados, o foco da autora está no amor como experiência necessária e básica para se alcançar divino.

⁵ Entidade divina à qual a beguina se dirige durante as visões.

Vale ressaltar que as visões estão em forma de textos, nos quais Hadewijch descreve um contato pessoal e imediato com uma figura divina. Seguindo o viés da historiadora Gerda Lerner, as visões foram para as mulheres na Idade Média “um meio, um estilo, uma forma para aumentar a importância do conteúdo”⁶ (1993, pp 68-69). Assim, a beguina articulou seus conteúdos afirmando que a palavra provinha diretamente da figura divina, procurando fazer de si mesma o intermédio entre o divino e os humanos (LERNER, 1993, p. 69). As visões, portanto, foram uma forma de expressão que a possibilitou atingir maior público e ainda um método

estratégico para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, conseqüentemente, sua autoridade. As mulheres querem afirmar que sua voz não é o resultado de uma emoção descontrolada, mas que vem do próprio Deus. Trata-se, pois, de uma maneira de contestar a voz dominante (TROCH, pp. 4-5)

Quando escreve suas visões, Hadewijch demonstra, principalmente, um amor resultado da “união harmoniosa entre delicadeza advinda do fino amor com o amor místico (*Minne*), marcado pela intensidade do vivenciado (alma e corpo)” (ARAÚJO, 2014, pp.14-15). Suas visões são ótimos exemplos da forma com que ela vive esse amor na relação com o divino e explicar as fases para alcançar a maturidade espiritual é a grande tarefa em seu texto.

⁶ Tradução livre feita pelos autores desse texto.

Ao longo das catorze visões ocorrem diversas experiências que a levam a um expressivo crescimento espiritual, tendo como referencial temporal para cada visão as festividades litúrgicas, a saber: Pentecostes, Páscoa, dia de São Tiago, Assunção Epifania, Imaculada Conceição, dia de São João Evangelista e Natal. Estas festividades se repetem, sugerindo que as visões ocorrem ao longo de alguns anos.

Dentre as visões, a primeira é mais longa e a que contém o maior número de sujeitos. Encontra-se nela uma variedade de aspectos a serem destacados, como um longo discurso do Filho de Deus⁷, a função do anjo na visão, o modo com que Hadewijch inicia a relação de amor com Deus e até o importante papel das árvores e suas particularidades para o entendimento desse amor. Logo no início da visão, ela diz:

Sentía la exigencia íntima de estar unida a Dios e la fruición. Pero para esto, era todavía demasiado joven, demasiado inmadura: no había anhelado bastante esa unión, ni había vivido lo suficiente para merecerla, como aprendí en esta misma visión (HADEWIJCH, 2005, p.49).

O que chama atenção no trecho acima é, primariamente, a narrativa quase sexual da autora para com o divino. E aqui estão pontos importantes dos ensinamentos de Hadewijch:

⁷ Ao longo deste artigo usaremos os termos que a própria Hadewijch usou, pois acreditamos que ocorre com o crescimento espiritual da autora uma transformação na designação dos sujeitos, como Filho de Deus que será chamado de Amado mais à frente.

(1) a reciprocidade do amor divinal, pois ela vivencia o ato de amar ao mesmo que se sente amada; (2) o papel pedagógico do amor para a experiência mística, colocando a razão a guiar o caminho para o amor; (3) o papel do anjo e das árvores que ajudam a agir pela razão para alcançar o caminho do Amado. Assim, conclui-se que a fruição é se valer da presença divina para crescer no campo espiritual e chegar, ela própria, à divindade.

Para Hadewijch, se a razão mostra claramente o caminho ao ser divino, o Amor é a motivação para percorrê-lo. O amor precisa ser o mais puro possível; e a pureza só é alcançada por meio da incondicionalidade, a qual é ganhada pelo cultivo de todas as virtudes. Assim, qualquer pessoa precisa manter a postura de humildade, uma vez que a virtude incondicional não pode ser considerada posse pessoal (HALL, 2014).

Um importante aspecto a ser apreendido é para quem a autora escrevia. Aqui, é indispensável retomar alguns aspectos sobre a comunidade de mulheres a quem ela dialogava, as *beguinas*. Para estas mulheres, Hadewijch era uma mestra e nas catorze visões não se dirige ao Amado, como visto – apesar de serem com ele suas conversas –, mas sim a sua comunidade; isto é, para Hadewijch, falar foi recordar uma ação, como no caso das visões.

Com efeito, ela tem com isso a sua liderança associada ao que a experiência mística a proporcionou, o conhecimento sobre o amor.

Conhecimento esse advindo das *árvores* que apareceram no início de sua primeira visão, com o anjo a guiando por meio delas, até o encontro de Cristo.

No discurso final desta mesma visão, o Filho de Deus diz a Hadewijch que “este árbol que te explican mis palabras es el árbol del conocimiento del Amor” (HADEWIJCH, 2005, p.60), assim, afirma a enorme importância dada à figura das árvores. Estas foram vistas no começo da visão como formas que representam o conhecimento sobre os caminhos para alcançar a divindade seja conhecendo o seu eu próprio, pela demonstração de humildade perante a sociedade, e até mesmo uma das árvores mostrando que o caminho da obediência de Deus é a melhor direção para se seguir (PALUMBO, 2009, p. 272).

Assim, estas árvores são a representação lógica do divino, a mesma representação para se alcançar o amor. Aparece neste trecho a expressão do *Minne* – amor transcendente ao divino – seguindo as árvores do conhecimento, Hadewijch teria o

conocimiento de mi voluntad [Cristo] y la experiencia del amor, y, cuando sea preciso, sentirás del gozo de la unión. Así hacia mi Padre conmigo, aunque yo fuera su hijo. (HADEWIJCH, 2005, pp.60-61).

Logo, compreende-se que ela teria, sim, o conhecimento das condições mínimas para fruir do divino.

Amar se mostra, então, um ato de quatro momentos: da temporalidade, do acontecimento

do amor, da relação dela com o divino e da busca do amor. Tem-se, aqui, a mudança primordial do que seria amor cortês – visto na literatura, por vezes, como místico cortês – para o amor de Hadewijch; agora o amor não é de impossibilidade, mas sim um desejo que quanto mais se intensifica, mais é solicitado, tornando-se, assim, realizado (ARAÚJO, 2014). Entretanto, para tal, é necessário todo um caminho de conhecimento e aprendizado, para enfim chegar à *fruição*, ou seja, a eternidade no amor divino.

4. Considerações Finais

Reiterando que no final da visão um, em que se tem o discurso do Filho de Deus, entidade que se dirige a ela, existem vários aspectos importantes acerca da doutrina de Hadewijch; ele diz para a autora que

debido a la sabiduría de tus actos [de Hadewijch] te he enviado al ángel de los Tronos, cuya sabiduría conduce a la perfección a los hombres de buena voluntad (HADEWIJCH, 2005, pp.56-57).

Neste trecho está o exemplo de igualdade com seu Amado, ela é para ele como ele é para ela. Igualdade porque Cristo é também ele humano, porque Hadewijch – humana e mulher – é também ela divina. Jesus Cristo fala, em seguida, sobre ela ser capaz, perante algumas ações, de se assemelhar a ele na divindade “si quieres asemejarte a mí en mi humanidad como deas gozar de mí totalmente en la divinidad,

desearás ser pobre, exiliada y despreciada entre todos” (HADEWIJCH, 2005, p.57).

Atingir a plenitude do amor divino requer, assim, uma jornada espiritual que começa no entusiasmo do jovem espiritual, passa por muitos estágios de autocorreção, e amadurece quando a pessoa se torna espiritualmente velha. Almas velhas sabem que o sofrimento não é caracterizado por sinais externos, mas representa a alienação do divino e é estimulado pelas frequentemente dolorosas renúncias aos laços estranhos a ele.

O verdadeiro caminho do amor se faz, então, não por meio do prazer da presença do Amado, experiências fisiológicas, mas sim mediante a caridade, o amor transformado em atividade social. E, desta forma, a própria Hadewijch se tornou o modelo para as outras beguinhas, sendo tanto um exemplo pela caridade e ações efetivas, quanto pelas ações amorosas com o divino.

As beguinhas, para a autora, têm a possibilidade de igualdade em todas as formas com Jesus Cristo, não existindo para ela um lugar no qual as mulheres não possam alcançar. O caminho para o amor divino foi, também, o espaço que Hadewijch encontrou para orientar sua teologia, afirmando a possibilidade de igualdade na sociedade às mulheres que seguissem essa jornada.

5. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Roberta. **O amor na mística feminina medieval: Mechthild de Magdeburg, Hadewijch de Amberes e Beatriz de Nazaré.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Paraíba. 2014. Disponível em:

<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/3262/1/PDF%20%20Roberta%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 19.12.2016.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Mulheres intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bigen: entre a medicina, filosofia e a mística. **Revista Trans/Form/Ação**, Marília, v. 35, p. 187-208, 2012. Edição Especial. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/2682/2107>.

Acesso em 17.01.2016.

HADEWIJCH DE AMBERES. **Visiones.** Ed. e Trad. ORTEGA, María Tabuyo, Palma de Mallorca: José J. de Olañeta Editor, 2005.

HALL, Elton. **Hadewijch.** Disponível em: <http://www.levir.com.br/inst-026.php>. Acesso em 18.12.2016.

LERNER, Gerda. **The Creation of Feminist Consciousness: From the Middle Ages to Eighteen-seventy.** Oxford: Oxford University Press, 1993.

PALUMBO, Cecília Inês. Desborde y herida de amor en la poesía mística de Hadewijch de Amberes. **Revista Teología.** Tomo XLVI. Nº 99. Agosto 2009: 267-280. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3179401.pdf> Acesso em: 22/12/ 2016.

SERRADO, Joana de Fátima Gonçalves Pita do. **Amar, experienciar, transformar:**

Minnen, Varen, Verwandelen: três verbos místicos em Hadewijch de Antuérpia. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. Disponível em:

<http://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/53695> Acesso em 11.12.2016.

TROCH, Liev. Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Revista Graphos**, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>. Acesso em 11.12.2016.